

Número de credores cai para 60 em quatro anos

MILTON COELHO DA GRAÇA
Correspondente

LONDRES — Dentro de quatro a cinco anos o Brasil e os outros países devedores estarão discutindo com apenas 50 ou 60 bancos grandes. Os outros 700 participantes das otimistas renegociações de 1982, em que ministros da fazenda e banqueiros anunciavam orgulhosamente que o problema da dívida tinha sido definitivamente equacionado, terão preferido bater em retirada, ou passando adiante seus créditos ou simplesmente considerando-os incobráveis — nos dois casos, empurrando uma parte do prejuízo para os governos de seus países.

Essa tendência foi confirmada pelo Presidente do Lloyd's Bank, Sir Jerome Morse, no Seminário sobre a América Latina promovido na semana passada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento e pelo jornal "International Herald Tribune". E foi ilustrada no fim de semana pela revelação de que o Scandinavian Bank Group (apesar do nome, é britânico) aumentou para 40% as suas provisões para os débitos dos países em desenvolvimento.

A iniciativa do Scandinavian mostra que o Bank of England (banco central britânico) apóia a redução do número de protagonistas credores no drama da dívida, o que, segundo Sir Morse, "vai facilitar a futura discussão do problema". E é também curioso notar as declarações de diretores do Scandinavian, segundo as quais o banco continuará a aumentar suas reservas nos próximos anos até chegar a 100%, enquanto, ao mesmo tempo, não irá participar do esquema proposto pelo México de trocar dívida por bônus. Para o Bank of England, os novos bônus mexicanos, mesmo com a garantia do Tesouro americano para o principal, terão de ser contabilizados com o mesmo grau de risco de qualquer outro papel mexicano e isso tira exatamente o seu maior atrativo.

O Bank of England está claramente adotando uma política dupla. Os bancos menores são estimulados a fazer uma "retirada estratégica", enquanto grandes bancos, que têm boa capitalização e gostariam de se retirar, como o National Westminster e o Barclays, são induzidos a agüentar firme para não colocar o Lloyd's e o Midland em posição de desvantagem.

Os "quatro grandes" divulgarão, nos próximos dias, os seus resultados do ano passado e, em vez dos 3 bilhões de libras que eles juntos apresentaram em 1986, o total agora deverá ficar bem abaixo de um bilhão.